



CONTA-ME SUA HISTÓRIA AINDA QUE NÃO SEJA A VERDADE: A INVENÇÃO DE SI E AS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Prof. Dr. MARCIO CAETANO¹

Msn. JIMENA DE GARAY HERNÁNDEZ²

RESUMO

As biografias constituem fragmentos que nos apresentam a trajetória da vida. Elas configuram experiências, dando conta dos processos de sociabilidades e de performances identitárias. Suas análises podem ser trabalhadas como reflexão sobre o seu próprio processo de produção ou como interpretação e significação das configurações da vida. Interessaram-nos nas narrativas, os modos como foram instituindo “verdades” sobre as sexualidades e como elas sociabilizaram experiências e/ou interditarão condutas nas escolas. A partir de narrativas biográficas de três professores que transitam na ilegitimidade sexual e que atuam em escolas no estado do Rio de Janeiro, apresentamos as diferentes maneiras com que os discursos sobre sexualidade funcionaram dentro de um sistema estratégico de normatização. Nas narrativas observamos os discursos que governaram esses sujeitos, regularam suas condutas e produziram efeitos em seus cotidianos escolares. Nossa intenção foi examinar como as esferas panópticas operaram produzindo modos de subjetividade. Através das narrativas foi possível observar como os sujeitos construíram suas cadeias de significados e estruturaram suas formas de apresentar o mundo e compartilhar sua realidade. Elas operaram reguladas pela heteronormatividade e os interesses capitalistas em torno das escolas. No presente trabalho, enfatizamos a importância de

¹ Professor Adjunto I na área Políticas Públicas em Educação e Metodologia Científica no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande- FURG e orienta no Programa de Pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa *Culturas, linguagens, e utopias*. E-mail marciocaetano@furg.br

² Mestranda em psicologia social, sob orientação da Profa. Dra. Anna Paula Uziel, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: jime_degaray@hotmail.com

problematizarmos a produção discursiva e social da diferença, tendo como veículo as narrativas biográficas.

Palavras-chaves: discursos, gêneros, sexualidade, performances, biografia.

CAMINHOS INVESTIGATIVOS

As narrativas biográficas se constituem como fragmentos discursivos sobre as experiências. Elas configuram o “reencontro” com o vivido pelo sujeito, podendo fornecer as dimensões necessárias para dar conta dos processos de (auto) criação, de tramas e dramas de suas sociabilidades e de construção de suas identidades. Suas análises ganham duplo sentido quando nos possibilita a reflexão sobre o próprio processo de sua produção e como interpretação narrativa de fatos vividos (CARMEN PÉREZ, 2003).

A partir de narrativas de professoras e professores que atuam na rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, apresentaremos os discursos sobre sexualidade que produziram efeitos e os governaram nas relações escolares e na trajetória de vida. Pensamos que os fragmentos narrativos aqui apresentados serão capazes de nos oferecer alguns elementos dos discursos que governaram e regularam condutas e que, por sua vez, produziram efeitos na escola e em esferas sociais mais amplas dos sujeitos. Os e as professoras foram acessadas em encontros individuais que ocorreram entre 30 de outubro de 2008 a 15 de dezembro de 2009, na cidade do Rio de Janeiro. Os dados apresentados nesse artigo integram a tese de doutorado “Gênero e sexualidade: um encontro político com as epistemologias de vida e os movimentos curriculares”, defendida em 2011, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

Os sujeitos entrevistados possuem entre 33 e 55 anos e nesse texto serão chamados de Logun Edé, Jacinto e Jaci Quisaña. Todos e todas tiveram seus nomes “burocráticos³” e sociais substituídos por outros nomes de personagens da cosmovisão africana, guarani e da mitologia grega que trazem em seus mitos e histórias a ambiguidade, a ambivalência e posturas erráticas.

Em síntese biográfica,

³ Entende-se como nome burocrático o descrito em documentos emitidos pelos Órgãos competentes do Estado brasileiro e nome social aquele com o qual o sujeito se (auto) identifica e é amplamente reconhecido socialmente.

Logun Edé é professor de educação artística da rede estadual e do município da região metropolitana. Casado com uma professora de português há 12 anos e pai de dois filhos, nos afirmou em uma narrativa sublinhada: [...] *Alguns vão me lembrar no meio do caminho [...] que sou viado, que sou homossexual. Outros vão me lembrar que sou negro. Outros vão me lembrar de algumas coisas. Mas, eu quero seguir minhas possibilidades. Se o embate político valer a pena, eu vou me lembrar do que me foi dito e vou pra esse embate político [...]*.

Jacinto leciona em duas grandes instituições da rede de ensino do Estado. Elegeu a escola como seu espaço de ativismo político e reivindica a identidade de ‘professor gay’ como princípio de sua atuação. Um apaixonado pela escola, Jacinto tem nas marcas de seu corpo e na expressão criativa de sua sexualidade suas principais “armas políticas”.

E, por último, apresentamos Jaci Quisaña, professora de administração na rede estadual de ensino, também trabalha como administradora na prefeitura da capital. Viúva, Jaci foi, durante muito tempo, casada com sua colega de trabalho. Ao passar pela experiência de ter sua companheira vivendo com câncer, Jaci exige licença médica para cuidá-la e, com isto, estabelece uma relação honesta e aberta com seus e suas alunas.

INVENÇÕES BIOGRÁFICAS

A biografia toma a narrativa do (sobre o) sujeito como centro de interesse. Ela propõe que, através de relatos particulares, outras dimensões possam ser articuladas mais amplamente para o entendimento dos fenômenos sociais. Entretanto, ainda que o texto narrado sobre si se configure como um discurso coerente, linear e encadeado, na narrativa biográfica, assim como nas memórias, o passado é editado e, por isso, se reconstrói discursivamente de maneira não linear, com superposições de tempo, reflexões e espontaneidade. Nesse sentido, o que retorna não é o passado em si, mas a (re) leitura das experiências armazenadas na memória e estimuladas pela circunstância. Em outras palavras, não é o passado linear que é reconstituído na narrativa, mas aquilo que foi interpretado e privilegiado na experiência que marcou o sujeito e que ele elege como importante a ser dito.

A opção pelas trajetórias de vida emergiu por considerar a metodologia adequada para articular as dimensões individuais aos fenômenos sociais de caráter mais amplo. Avaliamos que seja importante destacar que pensamos a vida não somente como

um conjunto de ocorrências, mas como experiências vividas. Ao focalizar o sujeito que é narrado, é possível dimensioná-lo em contexto mais amplo. Se entendermos que a identidade é relacional, as biografias poderão ser conectadas com outras histórias, numa dinâmica que supõe ir além da sucessão cronológica individual.

Na narrativa, a vida é o *locus* privilegiado da experiência, do saber e do conhecimento. Neste sentido, ela oferece uma multiplicidade de momentos, lugares, espaços, situações e relações nas quais originam atos formativos de aprendizagens. Não significa que encaramos a história de vida sob a lente da racionalidade ocidental moderna que vê o mundo como se tudo dependesse da ação consciente. Estamos entendendo as narrativas biográficas como um trabalho de leitura da experiência que arquiteta, busca e reúne elementos para compor a trama do que é narrado. O tempo de nossas vidas é, então, o tempo que conseguimos narrar; é o tempo articulado intensamente em uma história, é a história de nós mesmos tal como somos capazes de imaginá-la, de interpretá-la, de contá-la e de contá-la a nos e aos outros. Adotar a trajetória de vida aliada à perspectiva cultural e pós-moderna é, acima de tudo, conceber a linguagem como constituinte/integrante da realidade narrada. É, sobretudo, compreender as narrativas como resultado de práticas cotidianas nas quais, por sua vez, podem ser consideradas históricas e denunciam as regras que as governam e as produzem.

A Narrativa, as reconfigurações do sujeito e as redes de regulação

Desenhada na configuração move-diça dos tempos atuais, a narrativa de vida está submetida às várias re-configurações ao longo da trajetória do sujeito. Com isso, o velho hábito humano de atribuir sentido ao percurso de vida, através das invenções de si, já não se cristaliza em formas ordenadas e rígidas como a humanidade um dia julgou experimentar. A cada acontecimento, a história é sujeitada a uma interpretação retrospectiva e novamente é retro-alimentada e (re)significada. Desse modo, as expectativas, as aspirações e as vontades projetadas acabaram ficando dependentes de cadeias interligadas de memórias do passado. É como se o tempo todo revisitássemos uma leitura do passado para justificar uma configuração do eu, dos desejos, da forma como nos colocamos no mundo no tempo presente.

As dinâmicas sociais possibilitadas na atualidade nos colocam diante de sujeitos facetados, com biografias que não obedecem necessariamente às expectativas e com inúmeras rupturas identitárias. As ideias de corpos originadas e determinadas em

identidades; tais como, as descritas pelo sexo, pela maternidade ou paternidade, foram fragilizadas nos tempos atuais. Com a pluralidade de modelos e as crises no mundo do trabalho e do capital, as referências de masculinidades e feminilidades foram re-significadas nos corpos, nos sexos e nos desejos.

As narrativas dos e das professoras nos revelam o movimento de justificativa do presente com as ações do passado. Delory-Momember (2008) nos descreve que isso é consequência da busca de unicidade biográfica. Segundo a autora, essa ação se constitui sobre a acumulação de significações retrospectivas que reinterpreta implicitamente o curso da vida, inclusive suas leituras e entendimentos anteriores. Esses tirocínios são igualmente os lugares de experiência e, por conseguinte, de construção e justificativa para as configurações da identidade. Nesse caso, a configuração do sujeito, dos seus desejos, da forma como se coloca no mundo é justificada pela experiência. Entretanto, o que podemos constatar no processo investigativo foi que a unidade biográfica se constrói na relação com as outras. As experiências, as significações e os caminhos da vida não atuam em uma relação exclusiva consigo; elas devem seu conteúdo, forma e validade às relações destes sujeitos e se encontram nas redes de pertencimentos. Neste sentido, transitar em ilegitimidade nessas redes expõe os sujeitos em situações cotidianas de enfrentamentos, Jacinto nos conta que ...

[...] Quando eu entrei no magistério, eu já comecei com um problema de homofobia [...] no terceiro ano que estava na escola, entrou um garoto, até um garoto bonito que vinha de outra escola. Ele tinha batido no professor [...] ele era dito como problemático. [...] era meio complicado, não se adequava muito a escola, o que é normal. Geralmente aluno complicado, é bom você chamar pro seu lado, botar pra te ajudar, ele se sente mais útil dentro aquele esquema todo. A turma foi assistir a um filme com uma professora e pedi para ele ficar porque eu queria fazer uma máscara nele, seria o exemplo para a turma. Como ela sabia que ele era problemático, deixou [...] Fiquei com ele na sala sozinho fazendo a máscara [...] Na semana seguinte, eu falei à turma que íamos fazer uma máscara. Fui ao armário, peguei a máscara dele, “Olha a gente fez a máscara”. Os alunos perguntaram quem havia feito, “Eu fiz nele”, a turma maldou. Eu perguntei qual era o problema? Um aluno falou que eu havia pegado o garoto e me chamou de viado [...] Ele chegou em casa e falou para o pai o que tinha acontecido, o pai foi na escola e falou que não queria ele assistindo aula com professor viado. Ele não queria que o filho dele no futuro fosse gay. Eu fiquei sabendo isso depois, depois vieram me contar.

As situações vividas por Jacinto nos reafirmam que o sexo regula e é normativo, como afirmou Michel Foucault (1983). Ele não só funciona e interpela os sujeitos, como também é capaz de produzir os corpos que governa. É um processo no qual as normas

reguladoras o materializam e, por sua vez, desenvolve a materialidade através da reiteração de sua norma nas redes de significados que atuam sobre/no corpo (BUTLER, 2003).

Com a narrativa de Jacinto, vemos que escrever sobre sexo, independente da atribuição que lhe damos, é produzir discursos sobre o controle e práticas pedagógicas sobre sexualidade. A regulação de que falamos parte do princípio que o entendimento sobre o sexo habita todas as partes e tempos e se encontra marcado em todos os corpos. O corpo é seu *outdoor*.

Nesse sentido, o corpo é constituído como um projeto pedagógico e as marcações que se executam sobre ele são cotidianas, de modo a alocá-lo sobre determinados conjuntos de comportamentos (sexuais). Isso supõe investimento e intervenção. Podemos verificar que, ao contrário do que muitos defendem, as identidades assumidas e constituídas nas experiências vividas são inscritas nas coisas e nos corpos através de injunções implícitas nas rotinas cotidianas, nos rituais coletivos ou privados da escola, da família, das tecnologias midiáticas e tantas outras que nos seduzem ou nos coagem à participação.

Para Berenice Bento (2003), a construção dos corpos-sexuados, naturalizados como diferentes, é mais um assunto da disputa de saberes que se instaurou na modernidade. Como o gênero é constituído e significado através de tecnologias educativas assimétricas de âmbito cultural, social, política e histórico, é ele que significa o sexo. Portanto, não existe *in natura* sexo sem gênero.

[Quando o corpo vem à luz do dia], já carregará um conjunto de expectativas sobre seus gostos, seu comportamento e sua sexualidade, antecipando um efeito que se julga causa. A cada ato do bebê a/o mãe/pai interpretará como se fosse a “natureza falando”. Então, se pode afirmar que todos já nascemos operados, que somos todos pós-operados. Todos os corpos já nascem “maculados” pela cultura. A interpelação que “revela” o sexo do corpo tem efeitos protéticos: faz os corpos-sexuados. Analisar os corpos enquanto próteses significa livrar-se da dicotomia entre corpo-natureza versus corpo-cultura e afirmar que, nesta perspectiva as/os mulheres/homens biológicas/os e as/os mulheres/homens transexuais se igualam. Esta é a primeira cirurgia a que somos submetidos. A cirurgia para a construção dos corpos sexuados. Neste sentido, todos somos transexuais, pois, nossos desejos, sonhos, papéis não são determinados pela

natureza. Todos nossos corpos são fabricados: corpo-homem, corpo-mulher (p. 02).

Até aqui temos defendido que nossos corpos são diariamente interpelados e as pedagogias que nos educam buscam desenhar nossas configurações identitárias. Mas é preciso que saibamos que, nas vivências rotineiras dos sujeitos, as identidades são posteriores à configuração cotidiana do corpo, esta é mais ágil, é menos capturada pela classificação. Elas, as identidades, precisam, para existir, de um ‘teatro’ discursivo que solicita aos recursos científicos, sociais, culturais e históricos a sua escrita linguística, entendidas como as redes culturais de significação.

A escrita linguística de uma sociedade normalizada é o efeito histórico de uma tecnologia de poder normatizadora centrada na vida. Estas normas ou códigos são aplicados de forma sutil, de modo que tornam aceitáveis os poderes essencialmente normatizadores. Ressalta-se, que através da ideologia e da hegemonia é que se disseminam os discursos que determinam o que é normal/anormal, certo/errado, saudável/doentio.

Neste jogo dicotômico centrado no governo político da vida, Guacira Lopes Louro (2001) observa que os grupos sociais que ocupam posições centrais “normais” têm possibilidade, não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. O processo de representação dos “anormais” nasce a partir do ponto de vista do dominante. A pessoa que pertence a um grupo subordinado traz consigo toda a carga e todo o peso da representação, reforçando assim, o entendimento de como se constroem as relações de poder e fazendo perceber como nascem as “políticas de identidade” (HALL, 2003).

As identidades que se pluralizam nos espaço de poder se configuram como imagens de determinados grupos e podem ser traduzidas em representações. Aliás, as identidades somente existem em função das representações (SILVA, 1994). As imagens criadas a partir da linguagem ou vice-versa podem funcionar como demarcadores da visibilidade social das sexualidades. Aquilo que está visível estabelece o diferente.

Essa situação nos leva a pensar que a diferença demarcada na narrativa do professor Jacinto não foi um simples atributo da escola. Ela é fundamentalmente social, política e culturalmente construída e, por isso, deve ser continuamente interrogada, de modo a evitar que ela assuma um caráter natural e essencializado.

Inúmeras vertentes epistemológicas e, portanto, políticas que problematizam as pedagogias culturais nos apontam que as noções essencialistas, universais e a-históricas em torno do sujeito e daquilo que ele projeta são simplistas porque não destacam as diversidades de etapas pelas quais as culturas constroem e marcam seus corpos e significam suas configurações identitárias.

Se levarmos em consideração os gêneros com outras marcas sociais (classe, raça, geração, religião, nacionalidade) teremos infinitudes de arranjos e apresentações. Essa pluralidade de apresentações fragiliza o discurso unívoco em torno da *id-entidade*. A arcaica ideia de que o *id* daria as bases alicerçadas e coerentes da entidade “Eu” parece se estremecer com a identidade e inaugurar outra possibilidade de pensá-la. Nessa outra conjuntura, ela nos é apresentada por sua múltipla possibilidade, ou seja, ela se configura como identificação (vinculada à fantasia da identidade).

A variabilidade performativa da identificação (em que os desejos ou as fantasias sobre uma determinada identidade realizam performances, ou seja, leituras individuais sobre a identidade) pressupõe o exercício de liberdade – condição central à invenção das coisas, das criatividades pedagógicas e das sexualidades. E esse é precisamente o motivo pelo qual as identificações de Jacinto, Logun Edé e Jaci-Quisaña desestabilizam, desestruturam, incomodam e extasiam.

Estes re-fazerem biográficos estão inscritos em configurações sociais pós-modernas que nos aliciam a vários estilos de vida que nos são apresentados através de novas tecnologias, nos possibilitando a ampliação de nossas experiências pessoais, profissionais e a percepção de nossas corporalidades. Estes, por sua vez, interpelam nossa projeção de gênero e influenciam na forma como nos percebemos, nos articulamos e nos narramos às nossas redes de sociabilidades.

Logo, com a invenção de si, os reconhecidos marcadores de gênero⁴, por si, já não são nomeações que nos servem para legitimar o sexo de nascimento e nos estabilizar frente à cadeia de identidades que apresentamos/suportamos em nossos corpos. Nesta cidade em que se oferta inúmeras possibilidades identitárias, os e as

⁴ Em alguns campos da vida e de suas relações, os marcadores de gênero estão tão confusos que não nos permitem afirmar que se referem a mulheres ou homens, exemplo dos comportamentos, acessórios simbólicos e expressões corporais. Entretanto, em outros eles ainda estão enraizados e fundamentam as desigualdades entre homens e mulheres, como no campo econômico, nas esferas de representação política e nos números de violência doméstica e pública. Este último dado é interessante para refletir as diferenças sexuais entre os espaços, se na ordem reconhecida como privada são elas as maiores vítimas e eles os maiores agressores, no espaço público são eles as vítimas e permanecem os maiores agressores. O que evidencia uma educação para a violência e a complexidade existentes entre as categorias gênero e sexo.

consumidoras são considerados os e as cidadãs. Assim, nela, os e as cidadãs se orientam na direção da produtividade de sua individualidade, que se esgota no seu próprio projeto. No campo da engenharia do corpo são estas infinidades que se inscrevem as articulações entre gênero, sexualidade e as pedagogias ampliando para além dos processos familiares e escolares os meios pelos quais os sujeitos configuram seus corpos e suas identificações.

O antagonismo entre a *heterodesignação*⁵ e a práxis cotidiana das sexualidades contra-hegemônicas resulta na reinvenção de suas imagens. Podemos perceber nas narrativas dos e das professoras que o lugar heteronormatizado os obriga ao jogo dissimulado da duplicidade. As pessoas encontram-se no “entre-lugar” (BHABHA, 2006): aquele que traz para as suas práticas, a sensibilidade e os saberes de suas identificações, mas por conhecerem os códigos predominantes, optam por manter-se, ao olhar do outro, nas identidades legitimadas neste espaço. Este quadro explica a astúcia e o cuidado para olhar, ouvir, sentir e tocar as inúmeras situações em que suas identificações sexuais e mais amplamente os discursos sobre as sexualidades são contempladas.

O que destacamos nessas reflexões é a ideia de que as relações de formação e coerção não se operam privilegiando um sujeito, mas se arquetam em uma complexa engenharia em que cada um, em determinado tempo e espaço, configura-se em certo lugar nesta tarefa de assegurar o controle sobre o outro e sobre si. Quando não obedecemos este estatuto estamos sujeitos a experiência como a descrita por Jaci Quisãña:

O Guilherme afrontava, ele era ousado. O Guilherme não tinha um padrão de professor de segundo grau, de seguir normas. Ele era um professor de faculdade. O Guilherme não tinha este cuidado que eu tinha de ser educada, de não ofender o outro. Se ele tivesse que falar, ele falava, ele até gostava no fundo. Ele queria era mexer mesmo. Quem é o Guilherme? O Guilherme namora homem e mulher. Era uma figuraça, entendeu? Isso traz mais conflito ainda no ambiente da escola. Se a escola já é preconceituosa com aquele cara que decide ser um homossexual, imagine com aquele que visivelmente é bissexual. A conta é muito maior. O Guilherme era um showman. Era um professor que simplesmente um dia eu estava assistindo a televisão, vendo um concurso de carnaval do hotel Glória, e de repente entra um homem do tamanho do Guilherme vestido de Governadora Rosinha, era aquela caricatura. A sua bolsa dele quando abria caía moedas e ele falava “alô, alô. Não, perai. Silverinha”. Gente! Pelo o

⁵ Marta Rodríguez (1994) a descreve como a *definição do outro por parte de quem tem o poder da palavra* (p. 220).

amor de deus, isto era o Guilherme. Ele era muito mais exigido que eu, ele é homem, no entanto, o Guilherme transitava nos dois corredores e ele também fazia show. Tudo isto era muito agressivo na escola. Se um homossexual já agride, imagina um bissexual? Por isso, qualquer probleminha com ele assumia uma proporção exagerada. Depois ele teve um processo administrativo e saiu da escola.

Com estas experiências verificamos que para ser professora ou professor e sustentar esta identidade profissional, o sujeito é obrigado a calcular cada movimento, cada vestimenta, cada desejo, cada discurso, cada posição... O sexo foi tomado como efeito panóptico que tem no próprio sujeito sua estrutura de vigilância. A eficácia do poder produtivo da vigilância ocorre exatamente porque conta com as inúmeras pedagogias que sutilmente vão interpelando, produzindo e naturalizando no sujeito os mecanismos de internalidade do olhar do vigilante, adquirindo, assim, em si mesmo, as funções iniciais da visão do olheiro. A concepção de “poder disciplinar” de Foucault (2002) nos auxilia a compreensão dos processos de construção dos corpos-sexuados e da incorporação de uma estilística corporal, uma vez que é produzida a partir de um conjunto de estratégias discursivas e não discursivas fundamentadas na vigilância de condutas apropriadas ao sexo e a profissão.

Com os e as professoras, verificamos que é nas formas, no jogo de apresentações e nas expectativas heteronormativas de gênero que as sexualidades dissidentes são nomeadas e especuladas. Elas, por serem inscritas e significadas no corpo, estão no interior das hierarquizações e classificações sociais tanto quanto nos movimentos curriculares e, mais amplamente, nas ações e relações escolares, ou seja, no sentido mais amplo de currículo. A experiência descrita a seguir de Logun Edé nos exemplifica a afirmação:

Eu sempre escuto coisinhas como: “Olha! O professor é viado”. Acho que todos os rótulos são possíveis e esses rótulos possíveis existem entre os professores. Agora, existe uma grande incógnita: qual é a do Logun Edé? Um dia o professor de história virou pra mim e disse: “Ah! É porque você é artista. Artista acha que pode fazer de tudo”. Existe um professor de ciências da noite que o grande desejo dele é saber qual é a minha. Afinal de contas, ao mesmo tempo em que sou casado e tenho dois filhos, tenho essas coisas todas com os alunos e faço balé. Existe tudo isso nesse rótulo. O meu jeito de viver acaba deixando muito claro em todos os lugares, os que vão gostar do Logun Edé e os que vão odiar o Logun Edé. Os que vão respeitar o Logun Edé enquanto profissional que tem sua vida muito claro dentro das expectativas de gênero masculina e também aqueles que não suportam o Logun Edé que buscam, principalmente, aquele viado que está ali. Eu acho que esta é a forma que as pessoas mais gostam de desclassificar o cara, o chamando de viado. Entre os alunos tem a

mesma coisa. Existem aqueles que convivem comigo, esses são mais próximos e que sabem muito bem o que eu penso. Sabem que acho que não deve existir rótulo e que saímos. Então, para esse não tem aquilo de classificar o Logun Edé como isso ou como aquilo. Mas, tem aqueles que me classificam de viado. Tem de tudo [...] O Logun Edé homossexual ele surge se houver um momento político. Quando há esse momento político. No dia a dia não tenho essa preocupação. A homossexualidade ela vai estar muito forte e precisa aparecer quando ela precisa fazer um embate com a heterossexualidade. Quando precisa está na luta política. Eu não penso nisso nesse momento. Nesse momento [...] eu sou [...] ser humano que sabe que a vida é passageira e que quer viver, que tem uma série de possibilidades da vida e que sabe que tem uma série de dificuldades a enfrentar. Uma vez eu te disse, a vida da gente é cheia de não, mas não se compara com a de um negro. Talvez, seja a mais cheia de não. A gente tem que construir a nossa trajetória a partir dessas negações e buscando caminhos. Então, o que eu procuro pra mim é isso. É sair buscando caminhos sem parar pra pensar. Alguns vão me lembrar no meio do caminho [...] que sou viado, que sou homossexual. Outros vão me lembrar que sou negro. Outros vão me lembrar de algumas coisas. Mas, eu quero seguir minhas possibilidades. Se o embate político valer a pena, eu vou me lembrar do que me foi dito e vou pra esse embate político. Mas, fora isso, eu vou vivendo. Não tem em 24 horas do dia aquele momento que eu penso: agora estou com essa comunidade e a minha relação com essa comunidade é x, agora eu estou ali o Logun Edé é y. Se alguém vive comigo 24 horas por dia vai conhecer em cada local um sujeito que vai falar de um Logun Edé diferente.

Com a narrativa do professor Logun Edé verificamos que os discursos sociais ao tentar marcar idealmente um corpo entre os gêneros, de modo que um seja o complemento oposto do outro (viva Rousseau, Aristóteles e Platão!), o próprio discurso é, ao nosso ver, a base que alimenta as especulações e as sexualidades dissidentes. Em outras palavras, esse ideal inatingível que a modernidade, suas tecnologias e alianças pontuais com os princípios judaico-cristãos criaram em torno dos sexos/gêneros permitiu um corpo referência, mas no cotidiano, exatamente por sua configuração econômica, geográfica, cultural e histórica, os sexos/gêneros assumiram inúmeros contornos, buscaram escapar a lógica dicotômica, mas ainda lutam contra a especulação, nomeação e enquadramento.

Considerações finais

Com as experiências dos e das professoras, constatamos que o corpo tornou-se o suporte da pluralidade identitária. Os desejos são os *artesãos* da identidade e a liberdade o limite da criatividade. Os contornos e pontos que durante tempos referenciaram o sujeito universal, na atualidade, se escaparam entre os dedos da mão ou a uma racionalidade iluminista. Esta situação de fragmentação do sujeito universal não está

distante da escola, ela se reflete em suas práticas quando verificamos agendas de vários coletivos de sujeitos reivindicando espaços em suas prioridades.

As situações protagonizadas pelos e pelas professoras nos orientam à ideia de que seus corpos, significados com a cultura, podem ser tomados como textos e interpretados no interior dos governos heteronormativos e androcêntricos. Suas experiências confirmam que o corpo funciona como um tecido constituído por fios entrelaçados de identificações, com inúmeras marcas de experiências, atravessamentos de valores e subjetivações que acabam por orientar seus movimentos curriculares. Diante deste cenário, algumas perguntas surgem e demonstram, ainda que por forma de indagações, a importância de aprofundar o debate, justamente porque interferem nas formas como os e as professoras se veem e se articulam nos espaços profissionais e nas relações de poder: quais significados e sentidos sobre a identidade profissional foram produzidos nos movimentos curriculares? Para os e as professoras pertencerem ao grupo docente significa adequar-se a quais critérios? Que processos de incorporar e de resistir às imposições culturais foram vividos pelos e pelas professoras ao longo de sua escolarização? Que rituais de passagem e que marcas estão inscritas em seus corpos? Que sentimentos viveram na escola? Mais que buscar respostas a cada uma dessas perguntas, elas são encaradas como caminhos que nos levam a entender que precisamos aprofundar as pesquisas e análises sobre as pedagogias escolares e culturais que nos interpelam, nos governos e nos significam socialmente.

Referências

BHABHA, Hommi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. *Revista Labrys – estudos feministas*. No. 4, ago/dez, 2003.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal-RN: EDUFRN, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Vol. 1.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOURO, Guacira. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

PÉREZ, Carmen. *Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RODRÍGUEZ, Marta. El feminismo francés de La diferencia. In AMORÓS, C. *Historia de la teoría feminista*. Madrid: Instituto de Investigaciones Feministas de la Universidad Complutense de Madrid/Consejería de Presidencia, Dirección General de la Mujer, 1994.

SILVA, Tadeu. T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.